

A saúde no Brasil

Alceni Guerra

Os indicadores sociais, nos países da América Latina, apontam o agravamento dos níveis de vida das populações. Isto é visível na miséria e nas condições subhumanas da maioria de nossos povos. Os indicadores econômicos, por vezes, mascaram essa realidade. Os sistemas de educação, saúde, transportes e habitação já não suportam a pressão da demanda. Nossas populações estão cada vez mais dependentes da ação do Estado. E o Estado cada vez mais pressionado pela transferência de vultosas quantias a título de pagamento de seus compromissos externos.

Essa pressão reflete-se nos meios de produção, cada vez mais voltados a atender à demanda do mercado internacional, sem incorporar a prioridade maior, que é a subsistência da população interna e a maior geração de empregos possível.

É fundamental, pois, uma reflexão sobre a ética do desenvolvimento. Nossas responsabilidades crescem na exata medida em que assomam as diferenças entre ricos e pobres. Acentuam-se as distâncias entre as nações do Terceiro Mundo e aquelas que estão na terceira revolução industrial. Os modelos econômicos de desenvolvimento empenharam-se na maximização dos ganhos de capital, punindo o desenvolvimento social. No caso brasileiro, o modelo exportador, ao invés de enriquecer, empobreceu o campo e projetou milhões de pessoas nas cidades para viver em situações marginais. Isto favoreceu sobremodo à violência em todas as suas manifestações, como sequelas profundas na matança de crianças e adolescentes.

A dívida externa da América Latina soma 423 bilhões de dólares. Sofremos, na última década, uma hemorragia de recursos transferidos aos países credores que superou os cem bilhões de dólares. O Brasil, por si só, pagou 85 bilhões de dólares de juros de uma dívida externa original de 90 bilhões. E que hoje já soma 140 bilhões de dólares.

Para se estabelecer um paralelo, somente no setor da Saúde o Brasil necessitará, nos próximos cinco anos, de investimentos no valor de 120 bilhões de dólares.

É imperativo repensarmos a rela-



ção entre o desenvolvimento econômico e social das nações do Terceiro Mundo. Não desconhecemos a relevância do crescimento econômico no processo de desenvolvimento. Já provamos ao mundo todo que estamos verdadeiramente voltados para a geração de bases sustentáveis e permanentes de democratização para assegurar a permeabilidade das relações econômicas. Compreendemos que o mundo avança rapidamente para formas de relações regionais e de macromercados.

O Brasil investe, no presente ano, 500 milhões de dólares no controle de endemias. Para que nossos esforços não se tornem inúteis, é indispensável trabalho similar em todo o continente.

O compromisso do presidente Fernando Collor é de recuperação do tempo perdido. Recuperar níveis razoáveis de bem-estar para nosso povo. Entre as prioridades do atual Governo do Brasil está a Saúde. Nossas tarefas têm procurado aprofundar-se na sociedade brasileira. Promovemos mudanças estruturais, que partem de reformas administrativas, passam pelo financiamento setorial e vão até a recuperação da rede física. Investimos com ênfase na prevenção de doenças. Em 1990, o Brasil alcançou os melhores resultados de vacinação dos últimos 15 anos. Foram vacinadas 18 milhões de crianças contra a poliomielite; 16 milhões contra a BCG; 13 milhões receberam vacina tríplice e 16 milhões foram imunizadas con-

tra o sarampo. À exceção da vacina tríplice, na qual ficamos com uma cobertura de 79 por cento da população infantil, superamos, nos demais programas, as recomendações da Organização Mundial de Saúde.

Nossa estratégia foi a de trabalhar com metas definidas, detalhando recursos, objetivos e cronogramas precisos de execução. Em 1990, conseguimos elevar os investimentos com Saúde de 1,8 por cento para três por cento do Produto Interno Bruto. Trabalhamos sob a égide de novos princípios constitucionais e com o apoio de uma firme vontade política.

No Brasil, de 150 milhões de habitantes, nascem, a cada ano, perto de quatro milhões de novos brasileiros. Temos uma população infantil que apresenta, atualmente, cerca de três milhões e 500 mil crianças menores de um ano e 18 milhões e 500 mil menores de cinco anos. Pode representar, na aparência, a imagem de um país jovem, com futuro pujante.

Mas, em verdade, morrem, no Brasil, cerca de 260 mil crianças com menos de um ano e 350 mil com menos de cinco anos. Destas, nada menos de 220 mil morrem por causas evitáveis.

Estas 350 mil crianças equivalem a quatro vezes as vítimas de Hiroshima ou, para dar um exemplo mais claro e dramático, à queda, todos os dias, durante todo um ano, de três aeronaves tipo Jumbo repletas de crianças.

Temos 42 milhões de crianças de zero a 19 anos, grande parte vivendo em condições desfavoráveis, e é certo que pelo menos cinco milhões de crianças brasileiras padecem atualmente dos males da desnutrição.

Mas haveremos de reverter, com o apoio de todos e com o constante trabalho dos brasileiros e de nossos irmãos continentais, esse quadro quase apocalíptico, para transformarmos, nos próximos anos, em azares de boas novas.

E aí poderemos vestir orgulhosamente o manto da dignidade que esta reunião de pessoas de boa vontade nos empresta, para compartilharmos, em comunhão com toda a humanidade, toda a beleza da vida harmoniosa, fraterna e verdadeiramente sadia.